O GLOBO
Publicado em 02/12/2023 - 05:57

Mina em Maceió afunda 2,6cm por hora, e colapso é iminente

AFUNDANDO AOS POUCOS

Risco de colapso de mina pode criar cratera e engolir bairros de Maceió

ARTHUR LEAL, BERNARDO MELLO, FILIPE VIDON E PÂMELA DIAS
brasil@oglobo.com.br

ROBSON BARBOSA/AFP

Ritmo de 2,6 centímetros por hora. Vista aérea de chão que cede no Mutange, em Maceió; minas de sal-gema da Brasken afetaram outros quatro bairros

REPRODUÇÃO/TV GLOBO

Por ordem da Justiça. Moradora chora por ter de abandonar sua casa

REPRODUÇÃO/GOOGLE MAPS

Bairro-fantasma. Casas, comércios e prédios desocupados em Mutange

Com quase 1,5 metro de afundamento desde a quarta-feira, uma das minas de extração de sal-gema da Braskem em Maceió entrou em risco iminente de colapso anteontem, quatro anos após estudos terem atestado a responsabilidade da empresa em um drama que, mesmo após desalojar milhares de famílias na capital alagoana, segue longe de um ponto final. Autoridades municipais, estaduais e federais estiveram ontem na cidade para monitorar a situação, enquanto a Justiça determinou desocupação de mais 23 imóveis numa área vizinha que pode ser afetada pela mina. Ao todo, 14,5 mil casas já foram esvaziadas desde 2019, quando a mineradora encerrou suas atividades no local, após a constatação de danos estruturais graves.

A mina em risco de colapsar é a de número 18, de um total de 35 abertas pela Braskem, e fica na área correspondente ao antigo campo de futebol do CSA, clube que precisou se mudar em 2019 por conta do risco geológico. Cinco bairros da capital alagoana — Pinheiro, Mutange, Bebedouro, Bom Parto e Farol — foram afetados pelo fenômeno, causado por instabilidades nos poços de extração de sal-gema, matéria-prima usada produção de itens como PVC, soda cáustica e cloro.

O principal risco detectado por autoridades e pesquisadores é que um eventual colapso da mina 18 afete outros poços, abrindo um buraco com potencial de engolir residências e afetar o ecossistema da vizinha Lagoa de Mundaú. Segundo nota divulgada ontem pela Defesa Civil, o "deslocamento vertical acumulado" da mina era de 1,42 metro até a manhã de ontem, com um ritmo de 2,6 centímetros por hora. O afundamento desacelerou ao longo do dia, e avançou 1 centímetro até o fim da tarde, mas a Defesa Civil registrou que segue a possibilidade de um "sinkhole", termo usado quando parte do solo cede e forma uma cratera.

Embora os imóveis em perigo estejam desocupados desde o início de 2020, por ficaram na chamada "área de resguardo", de maior risco, a prefeitura reforçou o pedido para que pessoas e até embarcações evitem o local. Em nota, ontem, a Braskem reconheceu o risco de colapso — ou "acomodação abrupta" — e afirmou estar tomando "medidas cabíveis para minimização dos impactos".

"Os dados atuais de monitoramento demonstram que a acomodação do solo segue concentrada na área dessa mina e que essa acomodação poderá se desenvolver de duas maneiras. Um cenário é o de acomodação gradual até a estabilização. O segundo é o de uma possível acomodação abrupta", diz a nota.

As minas começaram a ser abertas a partir de 1976, pela Salgema Indústrias Químicas. Em 2002, já privatizada, a empresa foi fundida com a criação da Braskem, braço petroquímico da Odebrecht. Havia alertas de risco dos pesquisadores desde a década de 1980. Mas o afundamento foi identificado de fato em fevereiro de 2018. Após fortes chuvas, moradores do bairro Pinheiro constataram rachaduras em suas casas. Houve tremores de terra de até 2,4 graus na escala Richter, patamar que, embora pequeno, já é passível de ser percebido. O Ministério Público Federal (MPF) instaurou um inquérito para averiguar a relação desses impactos com a atividade da Braskem.

Após condução de estudos, o Serviço Geológico do Brasil (CPRM), do governo federal, concluiu em maio de 2019 que a mineração de sal-gema estava relacionada aos danos nos bairros Pinheiro, Mutange e Bebedouro, cujos moradores também já relatavam tremores de terra. Na ocasião, o relatório do CPRM apontou que havia "desestabilização das cavidades da extração de sal-gema, provocando halocinese (movimentação do sal)" e gerando a chamada "subsidiência", isto é, o movimento da superfície para baixo.

A extração de sal-gema em Maceió era feita com a perfuração de poços de até 1,2 km de profundidade. Após a camada rochosa ser diluída com água, o sal era trazido à superfície por tubos, e a cavidade ficava preenchida com uma solução líquida. A presença de falhas geológicas na região, identificadas pelo CPRM, pode ter ajudado a gerar a despressurização de poços, com o vazamento do líquido usado no preenchimento.

Diante do relatório, a Braskem foi acionada pelo MPF para encerrar as atividades em Maceió e custear a realocação de famílias e gastos para fechar as minas. A empresa afirma já ter desembolsado mais de R$ 9 bilhões. Ontem, a Braskem informou ainda que planeja preencher nove dos 35 poços com areia antes de fechá-los em definitivo. Outras 21 minas estão sendo enchidas com pasta de cimento. A mina com risco de colapso, segundo a empresa, também estava em processo de preenchimento, interrompido devido à movimentação do solo nos últimos dias.

HOSPITAL ESVAZIADO

Por causa do risco de uma cratera, moradores de regiões vizinhas ao bairro Mutange, onde fica a mina 18, também entraram em alerta. Segundo o g1, o Hospital Sanatório, no bairro Pinheiro, embora não fique na área de desocupação obrigatória, decidiu remover seus pacientes para outras unidades.

Na quinta, após o alerta do risco de colapso, o juiz Angelo Cavalcanti Alves Miranda, da 3ª Vara Federal de Alagoas, acatou pedido do Ministério Público Federal, do Ministério Público estadual e da Defensoria Pública da União para obrigar a Braskem a classificar novas áreas, no bairro Bom Parto, como desocupação obrigatória. Moradores tiveram que deixar suas casas ontem, em ação acompanhada por policiais, sem saber onde vão ficar.

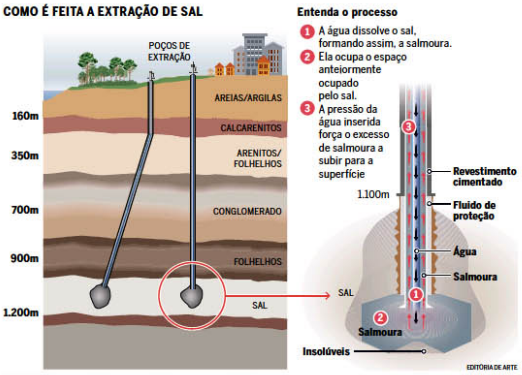
O filme já foi visto por famílias que viviam na área de risco original, e que hoje buscam recomeçar suas vidas. O comerciante Sebastião Fernandes, de 61 anos, morou no bairro Pinheiro por 17, até o início do afundamento. Ao GLOBO, ele diz que viveu momentos de angústia até 2020, quando foi realocado em acordo com a Braskem, que se comprometeu a pagar aluguel social em Serraria, a cerca de 6km da área de risco.

— As casas foram todas lacradas, prédios foram demolidos. Foi terrível, porque a partir do tremor, nós não dormíamos mais em paz. O medo era constante.

A REGIÃO EM RISCO

Parte de Maceió está ameaçada de ser engolida pelo solo por causa de extração de sal-gema

COMO É FEITA A EXTRAÇÃO DE SAL



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Brasil **Pagina:** 12

Copyright © Clipclap 2025.